



Agostinho Both

Para além de um
contrato amoroso

Agostinho Both

Para além de um contrato amoroso



Acrílico sobre tela de Silvana Oliveira



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2013

Agostinho Both

**Para além de um contrato
amoroso**

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2013

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Literatura, Romance. -Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2013. E-book

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-Compartilhual 3,0 Nao Adaptada.](#)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado pelo Autor em: 02/03/2013

Capa de Silvana Oliveira

B749p Both, Agostinho

Para além de um contrato amoroso [recurso eletrônico] / Agostinho Both. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2013.

E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-64997-78-3

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Casamento – Aspectos sociais. 2. Casamento – Aspectos religiosos. I. Título.

CDU: 392.6

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

O texto tem pouca pretensão. Procura instigar o leitor a que considere o significado do casamento religioso. Não pretende convencer ninguém, mas olhar de perto as implicações de um casamento com a intenção de estendê-lo para além de um simples contrato. A proposta de uma união religiosa possui uma natureza interessante e é bom ver melhor o acontecimento. O estilo não obedece a uma análise rigorosa, mas lança, de maneira literária, o que pode ser pensado quando alguém quer amar tendo a Deus por companheiro absoluto.

Sumário

Sumário.....	9
Caminhemos.....	11
01 Uma entrevista imaginária.....	13
02 A Longa Caminhada.....	32
03 Uma prosa menos eloquente.....	37
04 Condições para o amor de longa data.....	40
05 Ser mais que sozinho.....	44
06 Mais um pouco das virtudes para um casamento.....	48
07 Dos bens de um casamento religioso.....	52

Caminhemos

Martim César¹

Vês, agora, que só existe cada pedra e cada folha,
Cada gota e cada grão, cada pétala de flor,
Cada inseto, cada ave, cada átomo do universo,
Por que existimos nós?
Compreendes que em ti em mim tudo se resume?
Que somente transcorreu cada segundo,
Desde o primeiro instante do primeiro ser,
Por que existimos nós?

Vem! Olha em meus olhos... nós somos a própria criação!
Nada há mais perfeito, nada mais lógico, mais divino
Que estarmos - tu e eu – justificando a própria vida.
Toda a ciência está em nós, todas as religiões,
Todas as raças, todos os sentimentos, todos os caminhos.

Percebes, amada minha? Percebes?
Que nesse abraço de dois seres, nesses corpos tão unidos,
Que nesses dois, assim, tão precisamente juntos,
Tudo o que já existiu, tudo o que existe
E tudo que ainda existirá,
Encontra, finalmente, o seu claro,
Transparente,
Óbvio sentido?

¹ CÈSAR Martim, Dez sonetos delirantes (e um Quixote sem cavalo). Editora Palotti: Santa Maria, s/d.



01 Uma entrevista imaginária

Imaginei, por esses dias, que um jornalista viria pra falar sobre meu casamento. Inventei que estaria fazendo minhas bodas de ouro: acho que seria melhor de prata, que tudo branqueia. Me enfiei no couro de um amigo pra me sentir mais à vontade ao falar de minhas bodas, que me envergonho de conversar diretamente sobre tudo que me pertence.

Por que me casei? É isso que quer saber? Acho que me casei porque se torna difícil atravessar uma vida sozinho. Ademais, encontrar alguém amável, por mais de cinquenta anos, é algo desejável. Alguns preferem passar a vida sem ninguém, já achando difícil aguentá-la a sós, mais complicada ainda levá-la a dois. Penso o contrário. O direito à ternura é algo inarredável. Feliz de quem consegue, sem grandes distúrbios, dar formas agradáveis à vida que se apresenta desconhecida. Ficar a esmo por aí, apenas desenrolando a própria bandeira, não é de bom tom. Muito menos interessante é ficar de sentimentos íntimos apagados.

Foram essas as palavras de meu amigo, e por se assemelhar ao que penso me proponho a ver mais de perto o que ele pensa. Ele me disse, ao revelar-lhe minha intenção de escrever sobre seu casamento como se fosse uma entrevista: escuta, cara, não faça isso. Siga teu caminho, que não é o meu. E tem mais. O que eu digo não corresponde à realidade, pois dou ênfase ao que me interessa. É bem possível que eu deixe de lado os acontecimentos principais. Você sabe muito bem que a gente tende a ocultar o lado obscuro e mostrar a melhor parte. E não é só isso: por sua vez, você vai interpretar o que eu digo e, cada vez mais vai fugir de como, de fato, foi meu casamento. Tudo isso revela que o melhor que se tem a fazer é ter a sinceridade de estar consigo mesmo e com a



companheira sem se melindrar das feiuras. Mesmo assim, disse-lhe: quero ouvi-lo, uma vez que vivemos das palavras e se não houver correspondência entre a realidade e o que você diz dela, ou se meu entendimento não corresponder à realidade ou ao teu dizer, pouco se me dá. Vivemos das palavras e poderá alguém se servir delas. Eu, de modo especial!

Não sei se por meus argumentos ou se por se autorreferir, tendo a si mesmo como observado e observador, concordou.

É pra falar tudo? Então, lá vai. Ainda não sei de todas as razões por que a gente chega a casar. Por certo, não será pra se ter um monte de parentes a nos apoiar ou criticar. Não é pra gente ouvir da sogra o que ela deseja a respeito de sua filha. A minha nunca se intrometeu muito em nossa vida, mas vive rodeando a gente. Quando minha amada fica toda azeda ou desesperada, minha sogra chega a mudar de jeito comigo. Não foi pra ter uma sogra que eu me casei. Muito menos pra ter um sogro, que foi um empate até me casar. Se não se casa por causa de parentes que não são parentes, mas agregados, por que me casei? Não estou me queixando dos agregados, são até motivo de boas conversas e de não se ficar só. Agora mesmo, vim de umas férias com primos, sobrinhos dela, cunhadas e concunhado e outros mais, bem agradáveis, mas por pouco tempo. Havia outro, um bom concunhado. O pobre e grande homem, que dizia ser a verdade uma só, morreu se matando de tanto trabalhar. Estou vendo meus sobrinhos-netos emprestados crescendo, e minha sogra toda satisfeita, enchendo-os de comida. É claro, alguém deve sustentar as barriguinhas cheias e seu conseqüente crescimento. Em apreciando tudo isso, chego à conclusão que não me casei com uma mulher, me casei com uma instituição.

Casei cheio de paixão. Mas como sou meio bipolar os sentimentos não se fixam sempre em alto e bom tom. De todo o jeito, não pode haver nada melhor: opinião minha. Afinal, a intimidade estendida sabe ser coisa



boa. Não sei se me suportaria andar sempre solitário como um urutau, meditando longamente sobre tudo. Nós dois nos estendemos nas filhas que abraçamos como se fosse nossa vida. E disso veio um neto que me alegra e, às vezes, me preocupa. Fazer o quê, se a adolescência tem suas dificuldades.

Estou te narrando essas coisas e até agora tenho certeza que não tirou nada de exemplar, mesmo porque pouco se leva dos outros quando a gente cresce.

Casar é isto também: é ter uma paciente solidariedade. Minhas cunhadas, duas apenas. Uma, cheia de sabedoria, fala dando dicas pra ser feliz; a outra, mais sábia, não fala nada. Buenas, estão comigo por causa que a sogra foi operada. Estou todo atenção diante do esforço pra ela não morrer, que a amo de todo coração. Tiraram parte do intestino dela, e todo cuidado é pouco. Brinco: agora pode trabalhar mais. Ela está mais leve. O seu interior está mais livre. Precisa você ver: um amor de pessoa. Um dos sobrinhos-netos chegou a chorar quando desejou que os médicos tivessem todo cuidado. Não sei se foi por amor ou por medo de não ter mais a bisa pra fazer torradinhas nas férias. A razão pouco importa: bonitas são as ligações que andam soltas em torno do casamento, fazendo com que se torne ainda mais comprometido. Se não se casa por causa de parentes agregados, entretanto é uma boa razão, pois que a gente fica se olhando, permitindo que todos abram a boca com liberdade. Sei que a cunhada sábia e a conselheira estão cheias de convicções a respeito da vida eterna. Digo meus respeitos e admiração por ambas.

Se eu estou fugindo do tema? Calma, que tem muito tempo ainda pra falar de minha santa e afável mulher. Lá vão cinquenta que estou junto dela e agora mesmo gostaria que estivesse ao meu lado. Por isso mesmo: casamento é uma confissão de dependência. Nem sempre precisei dela pra comprar alguns bens materiais, mas sempre ele dava sua opinião.



Estava agradecida por pensar comigo, ainda que seus recursos não entravam em questão. Já é uma comunhão consumada, embora que algumas vezes gostaria de ser excomungado, e ela também, principalmente quando entra em pânico. Se me xinga, hoje entendo, é mais por medo de me perder. Ao tratar de meu casamento, como se lesse uma história verdadeira, vou ser o mais honesto possível. É uma realidade agreste interessante, com meandros humanos insuspeitos. Todo o casamento é um caminho rumo ao desconhecido. Nem da vida da gente se sabe, muito menos do que nos acontecerá a dois, e, quando aí se somam filhos, os rumos são ainda mais complicados. Depois de cinquenta, pode-se dizer se o caminho percorrido valeu ou não. Abstraindo, dividindo, multiplicando e somando, posso garantir que valeu pelos acontecimentos que eu e ela fizemos de nosso percurso. Lá pelas tantas, já não era a trajetória de nós dois, mas os eventos das duas filhas também. Me refiro aos grandes capítulos do casamento e, principalmente, ao cotidiano mais simples que o feijão e arroz, mas é dele que a gente se alimenta. Gostaria de saber entrar nesse cotidiano, aí sim, eu poderia dizer, sem perigo de errar, como foi minha vida a dois e de toda a instituição que ela comporta. Vou falando essas coisas, e me vem a ideia de que estou falando sozinho: na verdade, falam por mim todos pensamentos que me foram dados pela vida afora e fazem dizer a maioria das coisas que eu digo. Isso significa que falo restringido pela história que fez e faz comigo, mais ou menos, como no tempo em que se enfaixava o bebê, parecendo um pão sovado pronto pro forno. O movimento próprio e criativo não possui tantas larguras nem tanto comprimento, nem sou tão criativo a ponto de meus atos furarem o bloqueio da história. Me esqueci de dizer que casei pelo religioso e isso foi coisa importante. Nós dois pusemos pra além de nós os bens e os males que teríamos pela frente. Isso ajudou e muito. Não nos enterramos nas coisas ruins que aconteciam. Sigo adiante.

A primeira coisa que se me antepõe é a fidelidade. Dizem que ao homem é bem mais difícil essa virtude, porque os hormônios masculinos



são menos moderados. Solicitam a propagação da espécie, necessitando-se muita moral e decisão pra se andar de uma só companheira. Me confesso um sujeito mais que fiel, fidelíssimo. Não me faltaram oportunidades, que as mulheres me viam como um belo espécime da raça branca, carentes, por certo. Fazendo um retrospecto, me vejo um cara decente. E a fidelidade era tanta que não percebia as invectivas femininas, muito mais tarde narradas. E eu apenas: sabe que nem notei... Fidelidade é isto: estar tão condicionado à unidade homem-mulher que os céus podem chover mulheres vestidas e nuas que para o sujeito fidelíssimo elas aparecem como seres assexuados. Eventualmente, alguma, exagerada nos modos, poderá se precipitar sobre o casamento: o que mais poderá acontecer é causar um grande susto ou uma forte tentação. Te confesso que fui esse sujeito. Tardiamente, chegando passados dos meus setenta, percebi alguns movimentos em minha direção e um curto desejo de correspondência, mas sem nenhuma consequência que pudesse arranhar demais a centralidade afetiva.

Sei que você está de queixo caído diante de minha confissão. Acho que senti, pelos setenta, a tentação porque estava meio fragilizado, derribadas as forças, queria sentir que ainda resultava em mim qualquer vigor. Mas isso pode ser visto apenas como uma tentação resistida e confessada à minha mulher, que levou a que quase morresse por sentir-se ameaçada. Ela também, nesse período, andava meio aos pedaços, talvez fosse isso que a tenha deixado tão agredida. Um casal, por vezes, anda em ondas sobre uma casca de noz.

O quê? De eu ter me comunicado com alguma delas? Verdade, falei. Mas minhas palavras eram tão reduzidas que qualquer um poderá ler. Acho que as escrevi porque minha mulher andava cansada de ler o que escrevia. E em razão de ninguém estar entusiasmado por meus escritos, não advindo nenhum reconhecimento, ela perdeu também a vontade de ler. Mostrei tudo a ela, sem negar minha tentação, provocando-a a que estivesse mais atenta a mim. Aí que está mais um dos efeitos da



plena fidelidade: é tamanha a unidade que a díade faz com que ambos se tornem um só. A unidade é tamanha fazendo que tenham o mesmo sangue e a mesma alma. E imagina isso numa mulher sempre amorosa e confiante. Depois desses tempos, a fidelidade se apurou ainda mais. Acho que até sou possuído pela compulsão da fidelidade. E mais que tudo: o amor tornou-se mais exuberante. Mais vigoroso que a palmeira que, bem perto, me espia pela porta.

Se isso fez bem pra mim? A gente nunca sabe se o melhor é aquilo que se faz. Mas confesso mais ainda. A gente quer matar o que nos faz sofrer. A indiferença, por breve que tenha sido, nos judiou. Acho que com o suicida ocorre a mesma coisa. Quando se mata ele pretende matar a dor, mas acaba com a vida. Prefiro esse vaivém de iluminações prolongadas de ternura e de rápidos sustos que aconteceram às mediocridades. Não acredito que de outra relação possa vir coisa melhor, afinal não há pessoa que não tenha suas miserabilidades. Tem mais, muito mais... o amor tem disso: assumir a ternura mesmo debaixo do mau tempo. Se a estrada é longa, é certo que alguma chuva a gente apanha.

Então, como falei da fidelidade, existem também outros princípios mais solenes e fatos que geram a felicidade. Já que estou metido nesses princípios, apresento outro: o de provar que se ama mesmo com espinhos enfiados na garganta. Se estou metido na floresta e chegar, de súbito, uma onça, o melhor não é se livrar sozinho do bicho, mas é proteger a companheira quando a fera chega. Seria muito bonito ver a onça derribar a mulher e do alto da árvore dar graças a Deus por estar a salvo. Assim é o amor: é matar a onça custe o que custar. Depois disso, mesmo aleijado, a relação fica cada vez mais amável. Se é para ficar como anjinhos, lado a lado, então me deem asas que depois eu conto. Depois da onça morta a gente se abraça como nunca abraçou.

Um princípio razoável é saber que a perfeição não existe. Rolamos nossos dias como se fosse um prêmio. É claro, vou dividi-los entre aqueles



dias em que não tivemos filhos e aqueles nos quais tivemos as duas filhas. Daí em diante, houve a ternura sem grandes diversidades. Até dávamos nota pelo resultado final do ano. Obtivemos boas notas. Acho hoje que, pela juventude e dedicação, poderíamos ter tirado ainda mais. Os dois, sozinhos, quando sozinhos, bem no início, fomos de altos e baixos, bem mais altos que baixos. Ela mais sensível que eu. Momentos de um cotidiano cheio de trabalhos. Finais de tarde, um chimarrão na casa do sogro e depois pra casa. Ela pra sua escola e eu também. Relações afetivas boas, mas nada que pudesse entrar no livro do *guinness*. A primeira gravidez foi esperada com muita emoção. E veio ela entre sustos. Não sabia que ela era tão frágil assim. Hoje, sem dúvidas, nasceria de parto cesário. Os dias se passavam com muita preocupação. Os primeiros meses foram de dor por ver minha filha cheia de cólicas. Santo Deus: um parto difícil e aquele sofrimento. Acho que foi isso que a deixou um pouco abatida e até um pouco distante dos pais. Me doía vê-la com seu rostinho triste. Outras vezes eu a via contente e isso me animava. Seriam os sustos de sofrer no parto e no alimento? Não suporto lembrar esses dias de dor. De fato, as circunstâncias dão seu tom que, no fundo, se repete a vida toda. Deixe que eu respire um pouco.

O casamento, então, tem esse prolongamento afetivo e profundamente responsável e, às vezes, tormentoso. Se isso também é amor? Acho que até do mais puro. Quando tomei a pequena nos braços a primeira vez, senti a ternura me invadir. Aí estava a ternura a ser abraçada. Não sei se isso é próprio dos mais remotos tempos, mas o momento foi avassalador. Os fatos, entre as preocupações e os temores de não se ter o amor certo e adequado, foram se sucedendo. De todo o jeito, resolvemos ter mais um filho a se agregar nessa intimidade. E novamente ela se constrangeu ao dar a luz. Me penitencio sempre por não ter avaliado melhor a forma do parto. Tomei como da primeira vez a pequena em meus braços e os mesmos sentimentos rolaram. A pequena ternura pedia o amor. Fui dar aula depois, ainda assustado. Enchemos



uma cestinha de regalos para a maior, de três anos, dizendo que fora a pequena que deixara de presente. Agora a religiosidade importava mais, como importavam o ninho e as aves novas. Casamento é multiplicar-se. Tudo estava diferente e carregado de maiores cuidados. Juntamente às novas aves, inventei de criar um curso novo: a bendita psicologia. Jamais pensei que o curso pudesse trazer tantas desilusões. Invejas e raivas me cercavam. Também assumimos maiores exercícios espirituais. Fizemos o cursilho: que coisa mais forçada de converter alguém! Assumimos também o Emaús. Antes tivéssemos nos enrolado em torno das nossas filhas! Mas o testemunho religioso pede solidariedade. Confessei o princípio da não perfeição e é isso que me deixa um pouco mais aliviado. Todavia, as filhas foram o centro das preocupações, embora das ameaçadoras dificuldades profissionais. Um amor feito de cuidados. Sempre economizando pra que fosse sobrar alguma reserva. Um amor retilíneo com relações boas e a certeza de uma fidelidade absoluta. Nenhuma tentação, pois havia a certeza absoluta cercando um casal. Uma verdadeira dedicação feita de quatro pessoas. Todos os dias escola e mais escola. Entre o pequeno mistério da mais velha e as resistências da mais nova insere-se o encanto de proteger como se cada uma fosse o melhor sonho. Ela, a amável senhora, tendo nas vestes das duas uma atenção bonita, para que sentissem prazer de si mesmas. Os temas das duas fluíam sem grandes recomendações. Beleza ver as duas tão bem e de aprendizado fácil A matemática judiava um pouco. Nenhuma dificuldade ao final de ano. Escola: cadernos, livros merendinha pela manhã entreda e saída da escola: como foi? Tá tudo bem? Canto escolar: *Instituto Educacional, teus filhos somos*, uma saudade e uma emoção grudadas na lembrança. Uma lágrima perdida no tempo. Muito mais se fazia do que se pensava. A insistência em mostrar o bem da escola, o cuidado com o material escolar, a pergunta sistemática sobre o aprendizado, o nome das professoras, a roupa e os colegas, atenção sobre o possível *bulling*, o ódio participado por uma palavra indelicada, a alegria dos resultados, mesmo as idas e vindas sem fala, a dor de um esquecimento ou atraso, os temas olhados e



admirados. Nós dois em torno como pássaros no ninho. As amizades: a Lu, a Preta, a Micaela, a Flortje, a Fer. Ali nós dois em tudo.

Não havia olhar distraído. Festas e as duas pra casa da avó. Outro dia, bem cedo, juntos de novo. Como passaram a noite? Um amor de quatro e, pra ser rigoroso, bem mais: o concunhado, a cunhada e os dois sobrinhos e os avós. Laços de perguntas e interesses comuns. E quando uma das duas com alguma virose, mais que atenção: doía ver o sofrimento. À noite, pra compensar os temores do dia, vinham as histórias pra dormir. *E a árvore balançava, balançava, e a corujinha dormia, dormia.* Uma acreditava e a outra já pedia uma história verdadeira.

Não, não havia somente escola; fins de semana: sempre com o concunhado e os avós. O churrasco trivial. As conversas juntas. A vida fluía como se, no círculo parental, estivesse o principal: pra nós a única verdade. Depois do meio-dia, as mulheres: sogra, cunhada e mulher: dê-lhe conversa, e eu ia dormir. Que um pouco de cerveja ou vinho pede um cochilo.

As grandes festas: essas davam um tom especial, marcando a intensidade maior da união e da ternura. O ritual circular de Natal, Ano Novo, Páscoa e aniversários provocava gastos e ternuras maiores. Ela, então, se debruçava com afinco pra que não se perdesse um pinga sequer da alegria desejada. O seu esmero trazia encantos. Eu preferia a Páscoa, ela, o Natal. O Natal me tornava, às vezes, saudoso. O passado sempre me perseguiu. Todavia, não perdia a intensidade do nascimento.

Em nós dois, na travessia infantil das filhas, não se punham grandes preocupações. Mesmo as dificuldades austeras do curso de psicologia e da vice-reitora: (1977-1990) não deixaram qualquer susto na relação. Foi sofrimento suportado pacientemente por ela. Talvez essa excessiva dedicação tenha feito com que a adolescência das filhas se tornasse mais difícil. Tempos de não se saber exatamente o meio termo. E para susto geral, gravidez precoce. Susto de todos. Forças superiores



invocadas e uma dor das grandes nos afetando, mas logo nos envolvendo a coragem da vida que nascia. Mas a casa sempre a mesma: acolhedora, religiosa. A pequena um pouco sentida por se ver deixada em favor do neto que pedia consideração. O cuidado é que se dava desdobrado. E por falar em casa, ficamos em apartamento durante oito anos. Tempo bom e de economia sempre. Queríamos uma casa vasta e agradável. Isso tivemos. Acredito que uma boa casa pode ser fundamental pra se amar por cinquenta anos. Valeram os sacrifícios todos. Ela estimula e suporta.

O que tenho a dizer sobre circunstâncias? Primeiro: acho que elas definem, juntamente com a vontade e os sentimentos espontâneos, a felicidade ou a infelicidade. Buenas: entendo que os fatos pequenos ou grandes, mas geralmente os pequenos é que delineiam o bem-estar. A espera das filhas, o namoro, o noivado e o cotidiano fugidio, não posso dizer que foram sempre de extremos eflúvios afetivos. Mas garanto que tiramos o máximo do que a natureza, os costumes, a vontade e os sentimentos nos ofereceram. Havia atenção quase permanente. Tudo era muito natural, tudo rolava bem, muito bem com algumas dores de perdas e alguns danos. Os jogos com os amigos e as orações de fim de semana, junto aos jovens de Emaús, as reuniões religiosas das sextas, tudo nos atava.

Misturas de tonalidades afetivas reverberavam entre nós. Durante anos, os fins de semana eram no clube: bom de se viver no mato. Acima de tudo a simplicidade das horas transcorria e nós com elas. Chegada a adolescência: santo Deus!: um tumulto de sentimentos afloraram. Que adolescências! A maior e a menor não falam pra gente? O que não está bem? Outras horas eram suaves e por vezes duras. Quando rolava um ciúme, as palavras cortavam o barato dos sentimentos. Saímos ilesos, mas a maior se machucou um pouco mais. Eu e minha amada também. Quando saiu de casa, grávida, sentada na escada, dizendo o silencioso adeus: se alguém for exímio medidor, ainda assim terá dificuldade de



saber o que se passou. O assoalho mal suportou o peso. Ainda bem que o tempo foi gentil, concedendo um menino e a mãe está muito bem.

Olhava com ternura pra minha querida motorista, saindo com seu carrinho velho pra escola, mais vitoriosa que se saísse com Royal Royce. Sentimentos bons a maioria do tempo. Olhava-a com preocupação, pois estava sem trabalhar quando aposentada. Por esse tempo meus pensamentos começaram a se expandir em sua direção, avaliando o que poderia fazer pra suprir o tempo livre. Um trabalho social começou a ser realizado e aí aconteceu mais uma razão de integração de desejos. É isso amar: estar envolvido em tudo. O corpo responde proporcionalmente à dignidade também. A velhice não rouba a unidade. Pode reduzir o tamanho da força ou impedir os movimentos mais sarados. Pois bem, envelhecendo, comecei a querer mais minha toca, mais que ela. Um desejo de ir além desse cotidiano começou a querer se impor.

Retomo o que doeu: não fazia ideia que ela estivesse tão frágil, ao sentir-se ameaçada por aquilo que poderia ser elogio de um homem pra com sua amada. Faz cinco anos que estou nessa de confirmar, minuto a minuto, que águas passadas não movem moinhos, mas ela assustada parece achar que elas podem voltar. Confesso a verdade: nem de longe os meus medíocres escritos tiveram qualquer laivo de paixão e nem de longe fui um Simão Botelho mandando cartas pra Tereza. Eu digo convincente pra minha amada senhora, trazendo o mestre Fernando

Tomara eu ter jeito

Pra ser feliz!

Mas chega de pranto

Que a hora passa e desafia.

Que se viva a porfia!

A lágrima que se tem

Não melhora o tempo que vai

Agora chega, amém.



Faz pouco tempo fomos até Fátima. Me comoveu a árvore na qual descansavam as pastorinhas, esperando a Consoladora Senhora. Pedi que as criancinhas pudessem do alto consolar a minha amada, porque, às vezes, quando tomada da mais irreverente desconfiança

*Não me acarinha
Não lhe acalma nada
Pobre criancinha
Perdida na estrada!
Que a cova da Iria
Traga de volta
A ternura calma
Que outrora se via.*

Mas ainda prefiro esse jeito carregado de emoções, perdida a serenidade, que andar a meio pau celebrando não sei a morte de quem.

A velocidade de tudo parece como o vento que move as areias, desmanchando o desenho feito e a emoção dos rostos em que se viam as figuras ternas. Então explico melhor o amor. Não se vive de se ter a harmonia plena. É outro princípio pelo qual as ondas se diferem, trazendo alguns naufragos, a maioria delas trazendo os vivos. É como agora que estou buscando o que foi e me torno aquilo que já não é, pois se torna o simulacro tão bem feito como se fosse verdade ou mais.

O princípio das vagas diferentes do amor é consolador; trata das formas e substâncias diferentes com que se desdobra o sentimento. Nem sempre se tem aquela euforia parecendo que tudo se pode. Nem sempre a luz atravessa as mesmas janelas. E nem sempre são as mesmas janelas a receberem a mesma luz. É isso mesmo, o amor tem tonalidades completamente diferentes. Pode até aparecer com todas as chamas



apagadas. Quem já não andou como se estivesse no limbo ou, simplesmente, como se já não estivesse aí?

Não sou nenhum Begas que imagina Pan confortando a Psique que anda triste. É complicado o consolo entre as partes, uma vez que o casal está anelado: os dois não conseguem se distanciar. Cada qual fica se defendendo ou se culpando indevidamente, assim muito dificilmente pode contribuir para o companheiro em litígio casamenteiro. Então, se acentua a necessidade da paciência e da bondade que nem sempre eu tenho. É bom exercício lembrar o quanto o companheiro está pra além das intempéries. Vejo-a tão absolutamente entregue aos cuidados de tudo e tão bela enquanto deixa a casa agradável. É nessa hora, que me armo de amor e provoço meu coração que se dobra feliz em sua direção. Lembro dela pedindo: hoje de manhã você pode levar as duas aí na Praça Tamandaré? Não seria bom que, pra elas gostarem do novo lugar e da casa, você passeasse com elas aí na capela? Em tudo se nos punham motivos de cuidados e atenções. Acho que, embora pouco se possa fazer contra as decisões de um tempo, ainda assim acho que fizemos pouco pra conduzir bem a adolescência das filhas. Mas a tempestade passou e fomos adiante. Nos deslizos estivemos juntos, procurando minimizar as tempestades.

Também tem o princípio da memória afetiva dos amantes. Começo por este: pequenos gestos podem servir de exemplo. Ela me dizendo: comprei duas bermudas. Elas são leves, bem como você gosta. Cheira aqui: gostou do perfume? Gostou dos lençóis? São gostosos! Experimenta essa rapadura que trouxe pra ti. Não me deixe nunca, meu bem! E milhares de gestos se multiplicam, fazendo a ligação mais terna e mais profunda.

E vieram, pra lembrar de novo, os tempos da aposentadoria. Imitando Wilde: *aquela beleza parecia feita de muitos mistérios reunidos, uma beleza, com um ligeiro sorriso que lhe flutuava nos lábios*, entretanto



não poderia ficar à toa na vida, uma vez que ficar apenas torcendo pelos outros não cai bem nem para uma princesa. Ao ficarmos velhos, sem fazer nada, não vai dar outra senão a insatisfação sendo jogada de um sobre o outro. Estivemos, então, atentos, pois os tempos são de formas diferentes, como Camões: vivemos bem, de nada receosos, com doce amor e doce sentimento, mas isso não garante o dia de amanhã. Pode o tempo mudar, fazendo brumas ou fortes tempestades. E convém lembrar que é preciso ter modos pra todas as coisas. Estive ajustando os modos de ser na aposentadoria dela e na minha, antes que nos pegasse de surpresa. Um amor sem horizonte morre muito cedo, bem antes de o sol se pôr. Fica pior que o pastor amoroso: ele pode até tocar a flauta, mas é tempo perdido se não houver uma pastagem pras suas ovelhas. A alma se alimenta de ter o que fazer com alguém e pra ter o que comunicar. E vimos juntos que davam tantos velhos, e nós, com eles, resolvemos empreender algo pra dar-lhes nossa solidariedade. E como fizemos, e tanto, que é de duvidar. Durante dez anos andamos pela região, feito loucos, pra ganhar atenção aos idosos e pra preparar recursos humanos. Em cada município houve esforços, mas não conseguimos estabelecer uma política que atendesse desde o idoso independente até o idoso sem autonomia. Lá íamos levando estudos e oficinas de saúde, de educação, de atividades específicas, de educação física e atenção familiar, de desenvolvimento psicológico e temas para conhecimento geral sobre as questões de envelhecimento. Reuníamos grupos de municípios em cidades-polo com cursos sistemáticos de sessenta horas, com intervalo de um mês, em Santo Cristo, Gramado, Frederico Westphalen, Palmeira das Missões. Em Passo Fundo houve um curso com participação de trinta municípios. A empresa Marasca assumiu um programa com um dos cursos pra doze municípios da região de sua rede de compra de grãos, o qual dizia: “O presente programa surge com a finalidade de melhorar as condições de vida da população idosa e a atenção sobre a qualidade em todo o ciclo de vida, integrando esforços locais e regionais das comunidades da região Norte e Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. E lá vinham mais de dez



objetivos específicos objetivos e das correspondentes ações pra alcançá-los”.

O resultado, porém, não foi o esperado, pois os municípios apresentam severas dificuldades de organizare uma política efetiva para promoção, proteção e defesa dos mais velhos. Mas acreditamos que nenhuma palavra foi em vão. Casamento também é isto: fazer os outros levarem contentes suas vidas.

Tô sendo muito teórico? O que tem a ver com o casamento? Tudo: o seu sentido está em se ter movimentos interessantes, dividindo-os da cabeça aos pés. O sentido da vida de um casal não está em abstrações, mas em ações que envolvem os dois, concedendo-lhes uma boa razão de existir. Acho que não emendei a conversa de maneira conveniente, por isso não consegui mostrar o suficiente o quanto as correrias pelos municípios foram interessantes, dando-nos grande satisfação.

Veja, então, você que oferecíamos práticas bem agradáveis e discussões de interesse que reverberavam em nós dois e nos oficinairos. Perseguíamos assim promover atividades desde as escolas, na formação de hábitos, até a educação permanente dos mais velhos.

É mole, irmão, trazer diversos especialistas pra criar novos caminhos do envelhecer? Pois acho que o casamento pode durar, e bem, enquanto houver proposições e ações conjuntas. Acho que o amor tem disso: não é só viver junto, mas fazer junto. É isso, a virtude do amor se faz pela solidariedade. Se não for isso, ao menos cada qual fique torcendo um pelo outro, que já é como se estivesse fazendo.

Durante os cursos ocorriam eventos que mostravam o inusitado. Em Gramado, para economia das parceiras de lá, reservaram um hotel que, pelos ácaros e pela micose adquirida, não fora aberto duarante muitos carnavais. E vindos de lá em noite de chuva e asfalto sem



sinalização, tensos e cansados, procuramos pouso na casa de um amigo. Dormimos em cama maravilhosa e no outro dia, com sol aberto, fomos para casa. Histórias encantadoras de velhices e de lembranças de velhos: esse enleio de projetos e realizações unem e estabeleceram vínculos imorredouros.

A fidelidade, então, assim me parece, é coisa de estar junto, um amante de olho no outro e, preferencialmente, com ações que atam. As ações religiosas e sociais não diminuam a constante atenção em torno das filhas e do neto. Poucas virtudes se desmancham no ar quando o desvelo é constante. Depois da tempestade, vejo as filhas andarem com as próprias pernas, atentas em nós dois, no neto e na avó. Assim vamos em frente. Agora eu estou cuidadoso em torno dos esforços voluntários que ela realiza no departamento de terceira idade do Clube Juvenil. E ela não perde minhas palavras escritas. Diz cheia de ânimo: ainda vão dar mais atenção aos teus escritos! Rio contente com meus leitores imaginários.

É só isso? Acha pouco? Não defendo o amor, nem sugiro nada, apenas escrevo de meus sentimentos e entendimentos sem pretender estabelecer paradigmas a ninguém. A mim basta estar bem e sentir que ela tem luz própria, mas, como eu, numa interdependência mais pra dependência que pra independência. E cada pequena conquista é celebrada. Como hoje: minha sogra chegando em casa, depois de uma cirurgia. Uma massa esperta e um vinho pra dizer que estamos sentindo a vida, louvando-a, enquanto a miudinha não acaba com nosso amor. E nesse instante vem a menor, psicóloga, buscar o seu lanche. E é isso, alimentos, também pra maior, é que dão ainda a doce sensação de nos nutrirmos mutuamente, tendo aí um sinal de encantamento.

De que me arrependo? Não peço perdão de nada. Fico olhando ao meu redor e ninguém pode me acusar de algo. De um fato que ela entende como condenável, tenho pra mim a glória de superar o mal.



O casamento não é nem a poética transfusão de duas almas em uma só carne, a perpetuidade do amor, o arrulho eterno de dois corações; nem também a guerra doméstica, a luta em família. É a paz, firmada sobre a estima e o respeito mútuo; é o repouso das paixões, e a força que nasce da união. O pensamento de José de Alencar parece-me pouco condizente com meu casamento. Não é o repouso das paixões, nem tanto a paz; de resto o que ele escreveu penso ser adequado, entretanto muito prosaico. Os movimentos do casamento se mostram mais substanciais enquanto enredados e num amor em diversas ondas. Contrariamente ao que oferecem os dizeres da cultura, o casamento oferece a solidariedade, não somente ligada aos dois, mas na ternura de ligações próximas e íntimas. É um desafio exigindo a prontidão para o absoluto. Quer se queira, quer não, o amor verdadeiro se lança para além da díade: exige um propósito para retirar o máximo da intimidade humana. É como ficar com tudo que foi e o que há de vir, doendo demais só de pensar em arrancar os tecidos que vestem a díade e tudo que lhe pertence. Separar-se é semelhante à morte. O casamento pra ser bom - que existe todo tipo, do insuportável ao suportável, do desagradável ao agradável – tem que ter um ar de graça que faça transcender o cotidiano, sabendo-se que se anda dos pés à cabeça como suspensos nos ares de Deus. Afinal, a entrega total: do ardor ao clamor pertencem somente aos dois, afastados de toda solidão. A gosto de Pessoa: cheio de Deus não temo o que virá, *pois venha o que vier, nunca será maior do que minha alma*, armada em comunhão.

Profundo? Nem tanto! Das ligações havidas e aperfeiçoadas persiste um resultado que vai além delas, algo alegre que povoa os passos. Bem como minha amada diz: *estamos bem nesses cinquenta e nem pergunto sobre nossas idades*. Há uma leveza nos corpos e nas almas. Poderia dizer sem afetação: que o Espírito Santo adeja sobre o momento.

Que desejos eu tenho? Que não me possuam os marasmos de não saber pra onde iremos e o que faremos, sentindo o vazio incômodo da



inutilidade. Tampouco quero andar me estabanando com ela, achando que a quietude não serve pra nada.

O que importa, além do que falei? Acho que disse tudo, mas repito, já que velho adora dizer várias vezes a sua opinião. Lá vai. Me parece que o microssistema, ou seja o ambiente da intimidade, deve oferecer razões densas pra viver. A esposa e a casa, com tudo que ela contém, são quase tudo, ainda que as filhas vivam à distância, mas que possam abraçar as pequenas realizações e sintam que as suas vidas tenham densidade. Que todos suportem suas dificuldades com elegância. Acredito que isso também importa pra ela. Não posso deixar de lado, nesse ambiente íntimo, a minha sogra e o meu neto: que tenham bons tempos de vida, pois qualquer ameaça rebenta a todos que circulam respirando o mesmo ar. Ora pois, essa intimidade é absolutamente necessária pois o diabo de Machado está metido em tudo. No livro *Adão e Eva*, ele afirma que o Tinhoso ainda disputa com Deus a criação do mundo. Deus dá mãos livres ao demo, mas corrige os exageros, para que não haja desesperança e se tenha o benefício de tudo que aconteça. Que se tenham brisas além de tempestades, flores além de espinhos, abelhas além de moscas e intimidade protetora além de ameaças. Fui pensando em diversos círculos da intimidade amorosa. O primeiro, eu e ela, depois nós dois e as filhas; ainda mais circulando, o neto e a sogra; por fim, os círculos da família de origem e os queridos agregados. Sem eles me sentiria uma cebola descascada.

O casamento não se ajusta somente com os de casa, aqueles de origem da minha família e os dela. Necessita de espaços institucionais em forma de rede protetora, particularmente aqueles que dizem respeito à saúde, à alimentação, à economia e aos espaços comunicativos da amizade e de outras inserções. Alguns denominam esses espaço de mesossistema.



O casamento depende, também, do bem-estar da pátria, dos sistemas económico e político. Um governo sem direção gera um casamento sem segurança. Não somos pássaros tão livres que não sentimos os rumores da pátria. Disso não posso reclamar, mas, se os impostos não fossem tão aviltantes, poderia dar bem mais aos meus e acho que ela ficaria mais contente.

Tentei pôr em expressão o meu conto casamenteiro. Sinto que estou como o mestre Romão, da *Cantiga de esponsais*, do bom, às vezes chato Machado, de tão retilíneo. O mestre de música queria porque queria dizer, em solfejo, o que sentia pelo seu casamento. Buscou a vida toda, e até pouco antes de morrer, expressar em notas vivas e alegres o melhor de seus sentimentos sobre sua realidade casamenteira. Morreu mas não conseguiu dizer seu canto de esponsais.



02 A Longa Caminhada

Fui convidado a falar a um grupo de jovens e, agora, escrevendo o que disse a eles, achei de estender um pouco mais a conversa. Confesso: o grupo me assustou, tendo em vista que a estrada é longa, e eles pensando que algumas palavras resolveriam a sorte da união. Bem mais longo seria o caminho que a maioria dos casais uma vez percorria. Estavam aí não apenas pra fazer um contrato. Casavam diante de Deus, querendo dizer que os desejos estavam sendo postos num compromisso sem volta. Não olhariam mais as suas pequenas paixões tanto quanto buscariam a versão absoluta de uma dedicação apenas recíproca. Me assaltavam duas ideias. Uma, é que se vive numa cultura de interesses muito particulares e de outra parte o casamento religioso, o qual se firma na solidariedade irrestrita. A outra dizia respeito a um tempo cheio de proposições de costumes provisórios. Nada lhes era, por razões do tempo, muito firme. As coisas e os significados se desmancham rapidamente. E eles aí, prometendo fidelidade, isto é, prometendo lançar definitivamente os corações num só objeto de paixão, renunciando, em parte, a si mesmos em favor de uma díade que lhes traria maior realização. Estavam movidos mais por certezas divinas que pelos solavancos do cotidiano.

Baita desafio esse meu de animá-los em torno desse amor a que se propunham. Negariam seus desejos em razão de uma ideia pouco concreta que é Deus, a solidariedade, a confiança e outras virtudes ainda menos visíveis. Quase que mandei a gurizada pra casa pra pensar melhor. Cada casal era como dois desconhecidos sobre uma pequena canoa, atravessando procelas. Diria tudo que pensava. Seria suave apenas no modo de dizer que era pra não fugirem, causando grande decepção aos organizadores do evento.



Pensem bem o que vão fazer! Vejam se, acaso, sempre preferiram a própria opinião sem levar em conta a dos outros e como levar isso para o casamento? Olhem bem, se sempre tiveram de muita importância a própria opinião como ficará a opinião, o interesse, a capacidade do companheiro(a) pensar? Sei que é bom viver por conta própria, gastar o tempo e nosso rico dinheirinho com o que nos agrada. Isso começa a acabar. As bebidas de sexta mais outras festas e viagens serão medidas pelos gastos da casa e as economias pra depois. E mais que tudo vêm as regras. De agora em diante cada um vai jogar com regras combinadas. Por mais bonita que se apresente outra mulher ou homem, sempre a mulher ou homem escolhidos vão ganhar, sem pechincha. Se vier pro lado da mulher um Don Juan muito faceiro, melhor é o José escolhido, mesmo que ande de cara torta. A regra será que cada um olhe pro outro. Acabou-se a festa dos olhares querendo mais do que já tem. É bom saber que a escolha feita significa tirar do jogo todas as outras e todos os outros. Tem mais: que o tempo maleva faz mudar o corpo e a mente. Nem sempre será a mesma e o mesmo que uma vez foram escolhidos. A psicologia amorosa de um casal, então, vive se misturando e se transformando. Ela se mistura aos ranços de quem está de cara torta, ao amor meio distante que se transforma também. Diferente quando se é como um potro novo, louco pra ir a qualquer baile ou pra estar pronto a qualquer lugar. Depois de um longo tempo, parecendo um cavalo cansado, a prontidão já não é mais querer: é pedir ao corpo um favor. Aí vale a antiga proposição de amar do jeito que se está, ainda que se mudem o pelo e os costumes. Não tenho culpa de vocês terem escolhido Deus como o mediador. Ele tem manias de amar sempre, ainda que a casa fique pobre, a fortaleza vire cabana, a força se estremeça e a cabeça esquecida. É claro que o melhor é saber que existem dias sem sol e de boca muda, mas que isso não pode ser contínuo.

Saibam que Deus é criativo. É só olhar pros universos, pras galáxias, constelações e a loucura que se faz sobre nossas cabeças, isso



que nós não vemos tudo que acontece. Se não imitarmos essa inventividade divina, ficaremos insuportáveis. Isso também vale pra dizer que não existe um astro que ande sozinho. Ele se firma na comunicação com os outros e, principalmente, na dependência de um que é o maior e que põe ordem na casa. É o sol que coordena uma porção de planetas. Assim é que cada um deve ser um sol para o outro, não podendo se desmembrar. Então, duas coisas importantes: é ter o que dizer de maneira interessante e estar ligado completamente. Mas tem mais, que eu sei que não é fácil. Temos um corpo frágil e uma alma nem sempre cheia de boa vontade. Vou contar uma história que já tem muita idade.

Diz a tradição Grega: quando Zeus desceu ao mundo para ver se tudo estava em ordem, encontrou uma argila muito boa. Modelou uma forma muito interessante e por não querer que o sol, a chuva, e os ventos desmanchassem o que havia feito, solicitou ao Deus do Sopro que soprasse sobre sua linda figura. Chamou-a de húmus ou de homem, pois que era feita do barro. Causou espanto aos deuses, por verem que a bela figura falava como eles. A deusa Terra levantou-se dizendo que ela lhe pertencia, afinal, de seu ventre é que havia saído a matéria. Zeus disse: foram as minhas mãos que a modelaram! Falou o deus do Sopro: mas fui eu quem lhe deu o nosso espírito! Chamaram, então, o deus da Justiça para pôr ordem na casa dos deuses. Veio a sentença: enquanto a bela figura viver, o deus Cuidado tomará conta desse novo ser. Ele é frágil como argila e é poderoso como os deuses. Seja por causa da fragilidade, seja por causa de sua grandeza divina, somente o Cuidado será capaz de ter a contento esta bela figura enquanto viver. Depois que se for, a deusa Terra tomará conta de seu barro e o deus do Sopro tomará conta de seu sopro. Enquanto viver, o Cuidado tomará conta dele! E Zeus vigiará sobre tudo. Assim falou o deus da Justiça.

Nessa história mais que bela, temos muito a pensar sobre o casamento, que é dividir-se mais que pelo meio, que muito pouco sobra da própria individualidade. Num casamento por inteiro, a divisão é total. Disso



não tenho muita dúvida. A interpenetração não é só de corpo, é de alma também, que do corpo a gente se afasta, mas a alma é que penetra dentro de certas condições. A condição primeira é a entrega. É jogar-se nos cuidados. Assim como o sopro divino tornou diferente o barro, assim a passagem de um para o outro renova a identidade. Não se é mais o que se foi. É claro, isso é dito quando o casamento é religioso, tido como algo não mais tocável. Cuidado foi o deus responsável, por que o barro é frágil e o sopro, poderoso. Seja porque tudo pode quebrar, seja porque existe uma preciosidade a ser desenvolvida.

*Junta experiência na vida
Quem a tem por passar
Entre sofrimento e pranto
Porque nada ensina tanto
Como sofrer e chorar.*

Buenas, essa ideia de Martin Fierro parece sórdida. Mas se olhar de perto ela traduz uma verdade. Pois vejamos de perto então. Duro é abandonar-se para estar olhando com toda atenção sobre o outro. É um exercício pra matar. Mas isso, pelo que vem de resultado, é interessante. Nasce um novo ser. O barro, com seus instintos, doenças, sentimentos os mais ambivalentes, sexo sem direção, tem agora duas provisões: ser olhado como diligência cotidiana e o barro do companheiro(a) precisa ser ajudado. A alma, da mesma maneira, em todas as transformações, precisa ser cultivada reciprocamente. Sofrimento e pranto principalmente sobre o ser mesquinho e solitário que se perdeu e agora ressuscitado na transubstanciação. Aí, sim, é que vêm novos voos e novas perspectivas. Nada é mais igual, mas o custo disso é mais que um parto, só que nada ensina tanto como o sofrer e o chorar. É claro, não por castigo, senão pela tentativa de divinizar o ser pela nova identidade envolta pela díade que se torna um ventre em constante gestação.



Gente, não fiquem assustados. Não tereis mais, se casardes com Deus, apenas uma visão, uma audição, uma interpretação, uma palavra, uma criação que, juntas, concedem o milagre da maior perfeição. Mas prestem atenção, jovens apaixonados pelo infinito! Pra que valha o sacrifício da omissão quase total de si, há que se estar em constante atenção pra não se perder a originalidade e constância do amor. Vejam que nada perdura na vida, sem mudanças cuidadosas e bem feitas. Se um vai pra frente e outro pra trás, formando tal distância que não se reconheçam mais, será quase impossível ter a Deus como companheiro: ele é o Sujeito que não pode ser e não ser. Isso, em termos mais simples, significa que se um não quer mais a união, por decisão voluntária ou por doença ou direção sem razão: cada um pro seu canto, que às vezes nem Deus se explica. É melhor partir pra outra. Entretanto, vale a pena a renúncia da própria carne e da própria alma quando os dois tiverem a coragem de, dia a dia, inscreverem-se um no outro. E que tamanha seja a vontade e a comunicação que em tudo se faça a dois as conquistas de ser e de seus benefícios. Aí, então, os filhos terão uma casa protegida e nos pais a presença viva de Deus que não abandona. Haja, para tanto, conversa, coragem, esperança e amor. Contudo, não se perca a ideia de que Deus é grande, porém, por vezes, o mato é maior.



03 Uma prosa menos eloquente

Fui convidado novamente pra conversar com um grupo de jovens desejosos de dedicação integral. Santo Deus, que coragem não falta aos jovens. Eles acreditam que podem não somente ser capazes de amar um só homem e uma só mulher, mas também ampliar a circularidade afetiva e dar tudo de si. Tudo de si: garantem que é para sempre, sendo o sempre deles cada vez mais longo

Encarei-os e saí brincando: coragem é que não falta! Vejamos, pois então, algumas condições pra “guentar” o tirão por mais de cinquenta anos produzindo uma efervescente alegria, de tristezas às vezes, e muitos desafios.

O que vocês vão fazer não é pra qualquer um. Ainda bem que estão apostando todas as fichas na infinita misericórdia de Deus. Se pensam que vão longe, cada qual olhando pro próprio umbigo, não vão até a próxima esquina. Quando se casa pelo religioso, os sentimentos pessoais passam a ser relativos e bem relativos, uma vez que sempre tem o outro a entrar na jogada e não de qualquer jeito: de corpo e alma. Quando Deus entra na jogada, existe uma promessa de olhar a vontade divina do outro. Não é mais: hoje vou sair com meus amigos ou amigas, hoje eu vou jantar fora, no domingo vou sair o dia todo, vou comprar uma roupa nova que a minha tá um lixo, vou trabalhar até bem tarde, vou tomar um chopp com a turma. Nem pra essas pequenas coisas se tem mais a liberdade. Imagina, então, querer curtir umas férias à beira de um rio. Querer pescar num fim de semana. Acabou-se o tempo pessoalmente dominado. Vocês estarão num tempo casamentalmente dominado. Se vocês vão querer alguma coisa particular, vão ter que pechinchar muito.



Não vão pensar que jogar o casamento nas mãos de Deus sai de graça. É preciso interromper o caminho e rezar: Senhor, aqui estou, escolhi um homem ou uma mulher pra que o Senhor em primeiro lugar seja servido. Sei de sua infinita força e que agora está concentrada em quem escolhi pra viver pra sempre. Ainda que o tempo deixe o corpo sem força e o apetite pequeno, lá estarei atado em teus interesses, Senhor. Sei que a graça disso está que tudo concorre pra que a felicidade de dois seja maior que a felicidade de um só. A psicologia diz que o universo dos pensamentos, da palavra e dos sentimentos são pessoais e as únicas coisas muito particulares, agora em diante a psicologia ampliou-se por completo. Senhor Deus dos infinitos, que ao menos eu possa sentir a imensidão de nós dois porque a minha é pequena perto daquilo que podemos ser.

Feita a oração, um jovem descrente repeliu a ideia de um Deus abstrato meter-se, tão enfaticamente, na vida dos dois quase nubentes. Salve-me, Diós!, rezei eu. Respondi: se ele acaso estava casando sem sonho. Respondeu-me que este era seu sonho, mas com os pés no chão. Respondi-lhe que a proposta que estava fazendo também tinha os pés no chão, mas numa fé que ia além da estrada que caminhava. Altercou, com delicadeza, mas inconformado: tenho fé naquilo que somos, e Deus a mim me parece, conversa dentro de nós dois. É isso mesmo, mas quando ele entra nesse diálogo não dá mais pra ficar olhando somente para os pequenos ou grandes desafios pessoais. É saber que, além de vocês dois, está um bem-querer que submete as curtas interpretações e os desejos a uma perfeição ainda maior. Isso leva a que mesmo o que temos de curto e grosso, simples e pequeno pode ser visto como elegante, grande e lindo, dependendo do coração religioso que vê. Por isso, casar com Deus é ter uma alma grande, vendo a do outro em primeiro lugar, e os dois juntos contribuindo pra perfeição da comunidade. Imagina, então, quando tudo se esparramar de beleza num filho que vem, ampliando-se ainda mais tudo que se tem pela frente. Homem de Deus, nessa história quanto mais a



gente dá, mais recebe. Mas há que se nascer diferente. Isso é coisa pra poucos e poucas, porque estamos enredados em nós, e as nossas preocupações solitárias nos matam. Deus é maior que uma pequena aventura, sendo o companheiro ou companheira o olhar de Deus em nós. Aí no meio dessa largura estendida, pois que a entrega é absoluta, surge o bem-estar maior. É um jogo amoroso com regras principais: que sejam mais que respeito, compreensão, pois que há entrega com a expectativa de ser com o outro, sentindo a vida duplicar-se.

O rapaz tranquilizou-se, mas ainda duvidava que Deus está na proporção de se envolver não mais consigo mesmo.



04 Condições para o amor de longa data

Nessa seguinte conversa vamos falar um pouco mais sobre algumas questões casamenteiras. Existem certas exigências das quais não dá pra fugir.

Vamos lá: a primeira condição reside no seguinte: que o(a) companheiro(a) esteja disposto a olhar para o outro, perguntando constantemente sobre qualquer preocupação dele ou dela e de como pode contribuir para estar melhor. Assim fica claro que o ato de casar não aceita o recurso da individualidade em primeiro lugar. Pobrezinho é aquele que casa pensando que poderá usufruir ainda mais de si mesmo, buscando maior satisfação. Ela poderá com certeza ocorrer, mas somente se houver a capacidade de despojamento de suas particularidades que não são renunciáveis, mas divididas de tal forma que não caiba mais a premissa absoluta de si. A premissa das vivências exige a constante alienação de si na imensidão de dois seres e não mais na limitação egocêntrica. Trocando de saco. Só é bom o casamento pra quem não mede esforços de ter o outro em primeira consideração, é claro, sem renunciar sua primeira identidade. Ao contrário, é concedendo-se em favor do(da) companheiro (a).

Uma boa pergunta para o amor é saber da capacidade atual que o nubente possui de amar. Como vivo em casa, junto aos amigos e junto à minha namorada(o)? Pode-se fazer um teste com a intenção de saber, ao menos, da probabilidade de um casamento dar certo. Atribuindo-se uma nota de 1 a 10 em cada questão, o nubente verificará tal probabilidade. É, claro, quanto maior o valor da nota conferida maior será a probabilidade que os nubentes possuem de a estrada ser boa e longa. Isso baseia-se no



fato de o caráter, feito de hábitos, sustentar ou não relações satisfatórias. Vamos a algumas questões.

Imagine, quando em casa, sua mãe está cheia de tarefas domésticas e você muito cansado. Mesmo assim costuma ajudá-la?

Na escola, os professores podiam contar com sua colaboração?

Você costuma ter paciência diante de uma situação difícil?

Quando os amigos passam por alguma dificuldade, eles podem contar com você?

Os pais, os professores, outros conhecidos podem dizer boas palavras a seu respeito?

Você costumava ser carinhoso com o pessoal de casa?

Acho que bastam essas reflexões pra saber de seu caráter.

Entretanto, vamos adiante com algumas questões.

Alguns dizem que a capacidade de amar depende do passado. Tenho tido experiências boas na minha vida? Fui bem-amado? Da qualidade do amor conquistado depende o amor vindouro. É claro que isso não quer dizer que não dá pra dar a volta por cima e ser o melhor amante do mundo. Mas se a sua casa de amor esteve sempre de portas fechadas, é bom ver de perto a possibilidade de abri-las. De todo o jeito, não vai ser fácil.

Sou capaz de amar no dia a dia ou nada acontece de novo para mim? Sou capaz de observar e admirar minha(meu) namorada(o)? Mostro-lhe suas virtudes ou vivo apenas pegando no seu pé?

O amor pra ter sucesso, como já vamos ver mais de perto, precisa de vontade, cuidado, ternura(admiração) e criatividade. Estou sinceramente decidido na escolha ou apenas estou fazendo uma experiência pra ver se vai dar certo? Sou cuidadoso ou precipitado? No dia



a dia mostro gestos de ternura? Costumo buscar alternativas diante de um impasse ou sou do tipo “vai ou racha”?

Ainda que o casamento religioso seja um lance de pôr em primeiro lugar o bem-estar do(a) companheiro(a), costumo analisar se estou bem? Afinal, um bom casamento a gente não vai empurrando com a barriga.

Se as notas das respostas forem baixas, cuidado! Quando a gente não colabora, nem Deus dá jeito!

O amor verdadeiro exige fidelidade e respeito. Sem essas duas virtudes, perdem-se a confiança e a base fundamental. Por ser religioso, nem há necessidade de falar em fidelidade, pois o jogo afetivo da entrega se dá em nível de reciprocidade absoluta e nem pensar nas quotas pessoais de desenvolvimento, a menos que se rompa a união por razões radicais e graves prejuízos pessoais. Assim, à força de muitas palavras e bom juízo, separem-se.

A sexualidade da díade depende da sua capacidade de ter a melhor expressão um no outro e, na vida de cada um, o seu encantamento. A expressão da sexualidade é corolário da dignidade pessoal.

Para permanecer no amor, é preciso ter constante a presença da fragilidade das relações para que sejam fortificadas. Não existe relação com permanente garantia. As instituições, os governos e as pessoas estão cercadas de perigos. Aqui valem algumas observações de Maquiavel sobre como conservar o que os príncipes conquistaram. Faz bem o príncipe que mora junto de suas conquistas, bem como o que tratar com atenção os mais fracos para tê-los de seu lado. Também, como diz ele, é bom afastar os perigos com decisão e não dar chance, aos inimigos maiores, de tomar conta do que foi conquistado. Cada casal possui seus inimigos maiores. Assim, existem casais cujo perigo maior reside no sexo oposto, na própria família de origem ou agregada, nos sofrimentos por causa da pobreza física ou psicológica, ou seja, nas circunstâncias



próprias de cada casal. Cuidado, o diabo espreita como um leão que nos cerca, diz São Pedro ou será São Paulo? Pouco importa, o diabo é o mesmo.

Nada deixa de ter, portanto, sua importância, e se um do par não responder positivamente a esta questão de Nietzsche é melhor pensar duas vezes antes de casar: *Você crê que seria capaz de conversar com esta pessoa até a velhice?* Motivos pra conversar, por certo, não vão faltar, como se vê em seguida.

O amor tem extensões: a casa, os aniversários, os parentes, o trabalho, os amigos, as conversas simples cheias de atenção, novos objetivos, e outros espaços de acontecer a vida. Tudo merece atenção. A palavra, os sentimentos, as ações do(a) companheiro(a) são os meios de realizar a palavra de Deus. Perguntar constantemente sobre as emoções, as preocupações, surpresas e inspirações, é o que há de bom. Faz bem dar uma de jornalista, poeta ou escritor(a), avaliando o que rola na vida do companheiro(a). O ideal será ter o outro como se dele fosse diariamente realizar uma boa reportagem. E como diz o Borges: enquanto não soubermos se as letras de nosso nome não estarão nos arquivos do Senhor, vamos ficar com as coisas mais simples: água, pão, um cântaro e algumas rosas. Mesmo assim *hai que tener* invenção. Não dá pra ficar aí sem criatividade. Piaget afiançou em suas pesquisas que a inteligência não fica sem novidades. O passado, o presente e o futuro trazem condições boas para que a virtude do amor possa ser criada e desenvolvida.



05 Ser mais que sozinho

Já não sei quantas vezes fui ter com jovens casadoiros. Resolvi neste discurso tornar-me inteiramente afável, pois do contrário vão achar que casamento é mais que um osso duro de roer. Entretanto, o que se verá é que não consegui ser tão agradável quanto merece quem tem a coragem de se entregar, dividir-se e se multiplicar pra estabelecer uma nova identidade.

E quando estiveres muito velho, que erguer uma perna pra pôr a cueca ou a calcinha é um esforço desmesurado, aí deverás pensar que andaste como Dom Quixote, cansado de tantas bravuras feitas com uma só mulher ou um só homem, que é bem mais do que andar com um tacanho Sancho Pança. É a luta pela liberdade a dois, afastando a descrença.

A dor de romper consigo mesmo pra ir ao encontro de um espelho amoroso e por onde se vê a maior extensão de todas as coisas, já falei, não é pra qualquer um. Enalteço a força que supera a frivolidade de não repetir gestos solitários, mas arranjar a vida em constante mutação, o que é mais fácil entre um homem e uma mulher quando estiverem atentos como gaviões sobre a montanha longínqua. Quando é dito por qualquer um dos dois *eu te amo*, existe uma reverberação mútua em que a solidão se espanta e a convivência se torna mais vida. Se um deles disser: hoje estou contente por ter visto as andorinhas voltando, podem crer que são as andorinhas vistas e aquelas comunicadas que revoam, pois a reciprocidade absoluta não é apenas como dizer a um amigo que as andorinhas retornaram. As andorinhas de um casal de entrega não revoam



diante de um só olhar, mas de muitos olhares já comunicados. A breve vida, então, pode ser um reflexo fugaz de tudo que é eterno e terno. Ninguém se entrega absolutamente a ninguém, somente no casamento religioso existe uma porta aberta para que ocorra a fusão de doação mútua e transfiguração humana na qual nada mais é particular. A memória se funde e os momentos de rememoração são carregados das mesmas formas ou em tudo semelhantes. Juntam-se, então, os arquivos e as interpretações provenientes das evocações provocadas pelas percepções atuais. Pelo reconhecimento mútuo pode haver maior encanto e a atração pode ser revitalizada em razão da admiração.

Talvez o maior benefício do casamento seja as virtudes que vão proporcionar o tamanho da felicidade. A alegria é facultada diariamente, uma vez que, no prazer havido, os casais sabem que ela não se esgota em instantes. Mais que a simples alegria de momentos ou da permanência longa do bem-estar, está a certeza de que ambos não são provisórios. Não são passageiros de poucas estações. São os motoristas e passageiros de uma viagem cujas paisagens podem ser sempre diferentes. Ainda que seja a casa de todos os dias, pode ser concedida a cada hora uma nova interpretação. Assim sendo, a casa do casal possui sua virtude. Na penumbra, pode fazer lembrar a ternura da conversa sobre os filhos que saíram. Se a manhã é clara e pela janela entra luz, os dois podem trazer a alegria da próxima visita. Se o momento for pesado, o casal pode dar uma olhada no assoalho e agradecer por sustentar o peso de ambos. A virtude da bondade pode ser evocada e vivida pelas cadeiras, que, quietas, suportam os conversadores. A virtude do cuidado pode ser exercitada a cada momento e, de modo especial, quando quem adoecer na díade estiver olhando o jardim, poderá ter do(a) companheiro(a) a sorte de não se sentir sozinho. Ainda que seja preferível a virtude do amor excitante faz bem o amor do cuidado. Não dá pra esquecer que haverá um tempo em que de amantes passamos a ser cuidadores. A virtude da multiplicação não é privilégio só de Cristo. Não somos dois nem três, somos em



conjunto com o que passamos juntos. Quando unidos, de tal forma que seja inconsútil a existência, não existirá qualquer possibilidade de deixar de ter a vida multiplicada. A união será tanta que, até no momento da morte, aquele que assiste poderá dizer benevolmente: vai-te agora que a sorte te desata do triste costume de ser alguém e do peso do universo. Não se entristeça que em tudo serei você. Não perderei momento algum. Não perderei os reflexos duplicados: os meus e os teus e, ainda que case com outrem, amarei contigo. Se aquele que morre tiver o ouvido ainda bom poderá entender de outra maneira, então, não diga as últimas palavras, que não é bom levar uma dúvida pra eternidade, pois que a morte é isso, terminam-se os diálogos. E, geralmente, a sabedoria é não dizer nada. Bem como dizia a filosofia popular romana: calar pode fazer com que permaneçamos filósofos.

Por falar em virtudes, não é bom pensá-las somente em estado de espírito pacífico, como se elas trouxessem uma espécie de nirvana. O casamento religioso é motivo de lutas, também, face às calamidades que recaem sobre a díade. A unidade absoluta ajuda a preservar a prudência diante das irregularidades de ordem pública, familiar ou íntima. A fusão, que tenha a possibilidade de ampliar o sofrimento, acrescenta a confiança diante dos momentos inconfiáveis que rondam as casas. Esse estado de alerta a dois e de motivação pra tomar conta do cotidiano, por vezes modorrento ou impiedoso, é que pode ser considerado fundamental para a dignidade dos dois. De modo especial quando vierem os filhos esse estado se acende ainda mais. Nesse momento me vem o herói de Hernández, Martín Fierro. Contrariamente a ele, que o casal não necessariamente se sinta perseguido por graves injustiças. O certo é que graves momentos investem contra o casal, sejam de ordem material, psíquica, física ou social. Por isso mesmo, a unidade religiosa extremada pelo jogo absoluto facilita a peleia da vida. E por esses momentos vorazes garante-se ainda mais a confiança. O casal torna-se semelhante aos maus momentos em que Fierro luta, em noite escura, contra um grande número de inimigos e,



luta de tal forma que o chefe da patrulha se bandeia pro seu lado. Por analogia assim se pode avaliar a luta de um casal que transcende aos perigos por cuidar um do outro e de tudo que lhes é íntimo. O vigor dos esforços em manter tudo que é bom pode convencer a outros que o amor é possível. Vendo-se isso tudo, pode-se acreditar que, apesar da rudeza de romper com as individualidades, vale a dedicação sem reservas de um casal. Vale também dizer que nada é mais absoluto que a vida, portanto, mesmo que seja religiosa a união, importa que seja preservada a dignidade da vida, pois pode acontecer que as tempestades sejam tantas que ponham em ameaça a ambos ou a um dos parceiros. Então pode acontecer que o campo chame pra outras campereadas. Pois é, Deus é grande, mas, às vezes, o mato é maior, como diziam os negros que não suportavam mais a sua escravidão.



06 Mais um pouco das virtudes para um casamento

O casal com muitos anos de vida em conjunto, ou seja em conjugalidade longeva, pode sofrer desgastes naturais, uma vez que se constitui como instituição, o que demanda renovação constante. E no caso de um casamento religioso, ainda mais cabe a inventividade pra garantir que seja pra sempre.

Parece interessante que, diante de mudanças recorrentes, é preciso ter em conta três virtudes, as quais podem orientar o casal. Os antigos termos fé, verdade e caridade podem ser compreendidos como vontade, cuidado e ternura. Os termos ético-religiosos, porém, continuam em seu valor, porquanto podem expressar uma relação com o transcendente e, na proposta religiosa, constituir-se em realidade tão consistente como a terra sobre a qual caminhamos.

A expressão da **vontade** está no desejo de escolher a parceria da díade, mais uma vez, como definitiva. É entender e assumir como válida a fonte da união e nela poder investir. É absolutizar, suspendendo qualquer outro juízo que venha pôr em dúvida o poder e o amor que duas pessoas possam ter. É assumir a díade vincular em forma de apego que para Berthoud *estabelece um padrão relacional ainda mais peculiar, porque pode ser um vínculo de amor mais pleno, no sentido que há mais simetria nas trocas relacionais... Tendo o outro, o indivíduo é capaz de maior confiança e maior abertura para o mundo: paradoxalmente quanto maior apego um ao outro, mais livre e confiante é cada um, para explorar a si mesmo e ao mundo* (1998,p.134-135). Nesse caso, **o nós** se torna um ato de fé e um compromisso pleno, e o outro da díade, uma preocupação essencial. A escolha nesse tempo da conjugalidade significa o



devotamento como reconhecimento e como exploração de potenciais do outro ainda não viabilizados.

De outra parte, não bastando a vontade, o **cuidado** se apresenta como necessidade sob pena de a vontade esgotar-se em si mesma. Nesse sentido, contam muito as disposições do casal e seus ensaios anteriores na construção de seus movimentos para saber o que fazer de suas vidas. Isso aponta para a renovação constante de diálogo, principalmente em situação de crise, exigindo uma atitude preocupada. Mais que preocupada: cuidadosa e responsável. As circunstâncias, as queixas, os convites, os interditos das falas, os olhares e outras revelações podem constituir-se, no discurso do casal, caminhos importantes na constituição do cuidado.

A expressão humana de todas as pessoas adquire sentido na prática do seu cotidiano. Se existem essências infinitas ou se a morte revela-se em seu barro, pouco importa: é a prática do cotidiano que vai dizer dos significados conferidos no tempo. O casal, então, toma para si o direito de ser, objetivando no cotidiano as possibilidades de sua realização. Esse cuidado faz parte do conhecimento amoroso, porquanto não busca dissecar o parceiro com críticas, as quais, muitas vezes, alienam o parceiro nelas mesmas. O cuidado apresenta-se como generoso quando os parceiros são observadores um do outro, tendo na observação a atenção de melhor perceber o que possa desenvolvê-lo. A observação torna-se generosa quando são alcançadas formas de atividades conjuntas. Nessa dimensão, o conhecimento mútuo se dá numa ordem concreta. O conhecimento, porém, não se esgota na atividade conjunta, mas pode residir na observação acompanhada pela admiração e pelo reconhecimento pronunciado. É semelhante a dois turistas que vão comentando sobre as mesmas paisagens com o acréscimo da ternura que envolve o casal.

As atividades para conhecimento em atividades conjuntas podem estar relacionadas à memória de fatos, mais ou menos épicos, em sua



feitura histórica. As lembranças não somente beneficiam outros ouvintes, mas, de modo especial, aos que realizaram feitos inscritos em cotidianos difíceis. As questões das situações no tempo e no espaço são significativas para a produção do cuidado. Os espaços temporais podem ser traduzidos como eventos já praticados, como as festas comemorativas ou outros eventos podem ser escolhidos para aproximar a díade. Novas oportunidades de lugares específicos podem ser desafios para mudanças e motivações na conjugalidade. Viagens, visitas de estudo ou turismo podem representar motivos de conhecimento. E não há necessidade de longas viagens pra curtir junto as paisagens.

As condições escolhidas não são menos significativas para a modificabilidade conjugal na reinvenção dos vínculos afetivos. As condições físicas da casa podem renovar a díade, as escolhas de atividades conjuntas ou pelos parceiros individualmente, desde que haja correspondência de interesses, podem renovar o estoque de conhecimentos e cuidados para com a vida. As condições mais significativas se situam nos interesses particulares, os quais podem estar presentes na transcendência, como no cotidiano mais simples e naquelas proposições de ações mutuamente desejadas. Dessa maneira, os sonhos de ambos contam de forma decisiva para o conhecimento a ser elaborado.

As grandes decisões sempre estão envoltas no clima afetivo. Ninguém pode negar que o envolvimento possui uma importância considerável na vida afetiva. E é por esse caminho que o entendimento cuidadoso se dirige para tomar conta de quem se ama.

A **ternura** transforma-se, então, na virtude mais específica dos casais para a construção da conjugalidade bem-sucedida. *A ternura, como disse uma vez Gabriela Mistral, referindo-se à canção de ninar entoada pela mãe com o filho nos braços, é antes de tudo uma carícia que nós mesmos nos proporcionamos, pois a mãe só é terna com o filhinho se for terna consigo mesma. A ternura é um conjuro social destinado a colocar*



um dique à nossa agressividade para que não se transmute em violência destruidora. A distância entre a violência e a ternura, tanto em seu matiz tátil como em suas modalidades cognitivas e discursivas, tem sua raiz nessa disposição de ser terno para aceitar o diferente... Podemos falar de ternura se nos aceitarmos como sujeitos fraturados, para os quais a única modalidade de relação válida é a cogestão (Restrepo, 2.000. p.53). Nesse sentido, o casal entende-se dentro da complementaridade, assumindo a responsabilidade de atender os limites reciprocamente. Assim sendo, a primeira questão dentro da ternura reside na necessária humildade de ajudar e ser ajudado, afastando-se os territórios da onipotência e da sujeição.

A ternura conjugal revela-se mais em gestos e atitudes do que em palavras e discursos, formando-se uma estética familiar criada pela harmonia de movimentos e construção democrática das interações.



07 Dos bens de um casamento religioso

O direito canônico reza: *"o pacto pelo qual o homem e a mulher constituem entre si o consórcio íntimo de toda a vida, ordenado por sua índole natural ao bem dos cônjuges e à procriação e educação da prole, entre batizados foi elevado por Cristo nosso Senhor à dignidade de sacramento. Pelo que, entre batizados não pode haver contrato matrimonial válido que não seja, pelo mesmo facto, sacramento.*

A sacralidade, assim posta, parece ainda um tanto insípida. A afirmação legalista não explica o resultado final que pode ser esperado. Afinal, a generosidade de ter que abandonar-se, despojando-se do eu solitário, não pode ser pra que sejam diminuída a alma e enfraquecidos os desejos do corpo. O casamento religioso não é feito pra que se cale a própria identidade, mas pra que se revele o lado oculto da bondade, da solidariedade e, principalmente, o pedaço melhor da felicidade: a alegria e a gratidão. A díade pode usufruir de um grande benefício, que é o do reconhecimento absoluto do que cada qual se constitui. É bem possível que ambos possam desenvolver sentimentos melhores do que Camus revela em *A queda: adorava ajudar os cegos a atravessar a rua. Ao avistar uma bengala que hesitava na esquina de uma calçada, eu me precipitava, adiantava-me um segundo, arrancava o cego a qualquer solicitude que não a minha, e conduzia-o, com mão bondosa e firme, pela faixa de pedestres, até o porto seguro da calçada.* Pela madrugada!, mal dá pra acreditar: quando alguém batia em sua porta e, ao abri-la, via um pedinte, ele exultava de alegria. Estava ele tão animado com a vida que nada de ruim que se lhe apresentasse ficava em brancas nuvens sem o seu auxílio.



Um verdadeiro Dom Quixote em busca da justiça e da alegria, lá onde alguém estivesse em situação pouco confortável. O que quero dizer é que dá pra comparar esse escritor com alguém que é casado pelo religioso. A certeza de ser amado de uma forma divina e que, por isso, em tudo transcende às comezinhos necessidades, irregularidades e qualquer outro sofrimento humano, deixa, aos que se impõem a religiosidade da união, de uma natureza alegre e bem dinâmica. Seria mais ou menos como um piloto das alturas que pode ver um incêndio ou outro desastre natural, mas não sofre tanto, porque não se mata de dor diante da miséria: vai lá e desdobra-se cheio de compaixão, mas sem perder a elegância, pois sabe o quanto é amado e que está dentro das condições que não se fragilizam pela natural condição humana. Há um juramento que o ata para além de tudo que morre. Se alguém atinge o carrinho novo do companheiro ou o seu, isso não pode tirar do sério. Afinal, o amor e o poder inscrito nas mãos de Deus são bens maiores que um automóvel. Isso significa que, se alguém não tiver a generosidade transbordante, mesmo quando as coisas vão mal, é que não está casado pelo religioso. Fez de conta que casou e esqueceu a virtude absoluta do bem querer.

Termino minhas preleções apontando pra minha imaginária entrevista: acho que meu casamento religioso não está ainda bom o suficiente.

Se acho que dá pra melhorar? Acho que sim! Não posso revelar em palavras o que cabe em meu coração, mas espero que minhas ações possam dizer um pouco da religiosidade desse divino contrato. Não sou ingênuo de acreditar na graça sem merecê-la, mas a graça de saber que me envolvi numa promessa de amar uma mulher muito além de mim mesmo, ajuda. Sinto que ajuda. Amém!





[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br



Portal

Domínio Público

Biblioteca digital desenvolvida em software livre



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura



9 788564 997783

